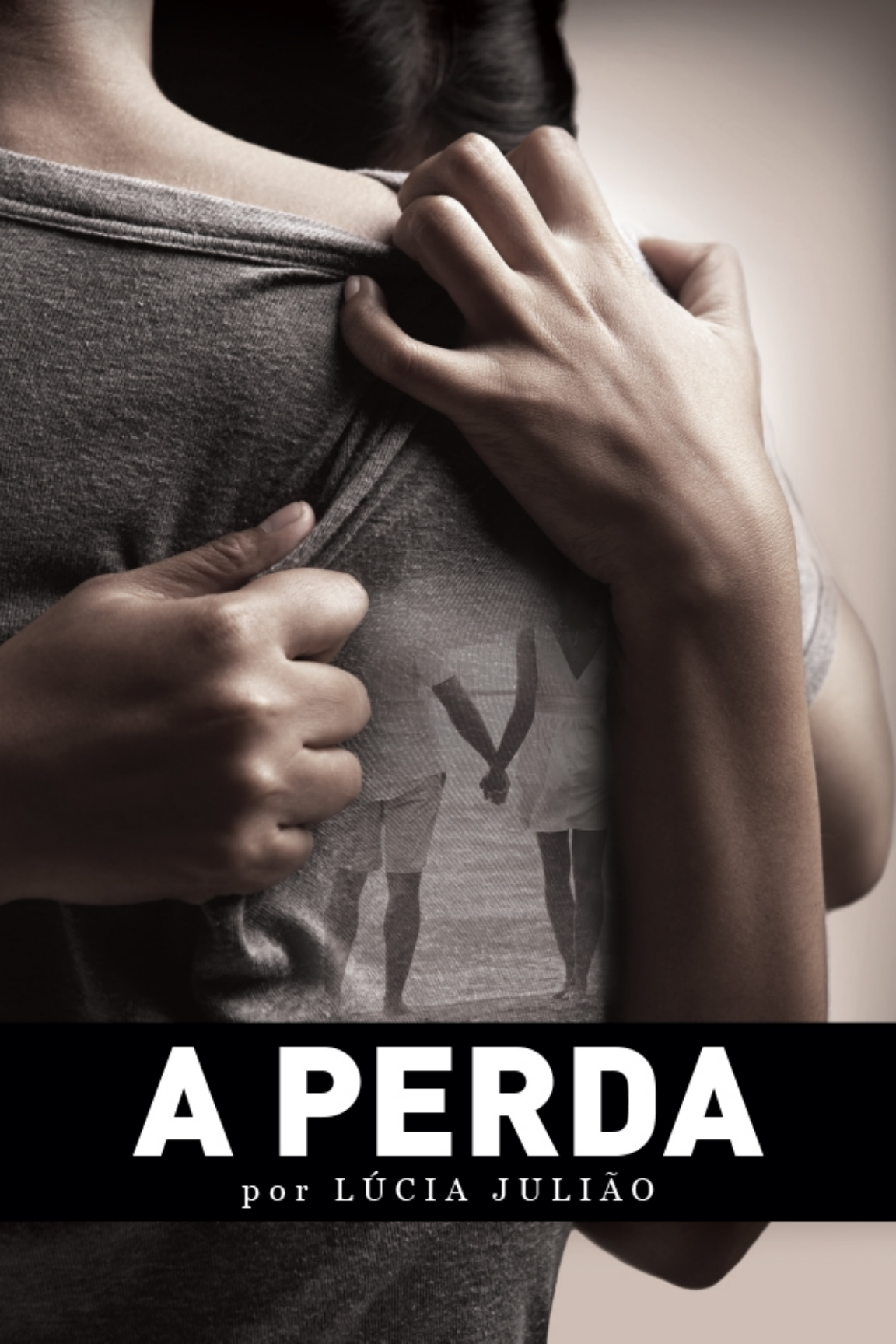

A PERDA

por LÚCIA JULIÃO

Para ti...

A PERDA

por LÚCIA JULIÃO

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

TÍTULO: A perda

AUTORIA: Lúcia Julião

REVISÃO DO TEXTO: Pedro Silva-Santos

PAGINAÇÃO: João Loureiro

IMAGENS: Depositphotos

DESIGN DA CAPA: João Loureiro e Ricardo Matias

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Eden Gráfico S.A.
1ª EDIÇÃO: janeiro de 2018
ISBN: 978-989-99961-2-0

EDITOR: Pedro Silva-Santos

WEBSITE DO LIVRO E E-MAIL DA AUTORA:
www.a-perda.com
info@a-perda.com

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sob qualquer forma ou meio, eletrónico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou armazenamento de informação, sem o consentimento prévio, por escrito, do proprietário e autor.

© Todos os direitos reservados.

CAPÍTULO 1

A minha perda

Não sei como te atreveste a partir sem me levar a mim também.

Tudo gelou à minha volta, mais coisa menos coisa.

O sangue continua a pulsar-me nas veias e o meu pensamento continua a desafiar-me nesta permanente autópsia emocional, como se não restasse mais nada para eu fazer.

O ontem acabou ontem, o amanhã já não existe. A minha perda está em todo o lado sem princípio, meio nem fim.

Só me resta uma coisa, falar contigo... e de ti.

Acordo cedo como todos os dias.

O despertador deixou de ser necessário faz hoje 6 meses, 4 dias, 3 horas e 24 minutos.

É tão fácil acordar a horas... qualquer hora é a hora certa. Quando acordo é sempre a hora certa.

Não podia ser diferente, nunca é tarde nem cedo demais, não se adia este compromisso, acordamos e sentimos o efeito.

É inadiável, previsível, simplesmente vem com o despertar. Ela vem sem hora marcada, a minha dor, a minha perda. Ela está onde estou, no meu primeiro pensamento, no respirar, no meu primeiro olhar, no primeiro arrepio da minha pele. Ela está onde tu não estás, na nossa cama, no nosso sofá, no nosso banho.

Quero acreditar que não será para sempre, quero acordar as vezes suficientes para me cansar dela, esgotá-la do meu corpo, quero desesperadamente que ela se canse de cada célula do meu corpo e que me abandone através do suor febril com que acordo todos os dias, a qualquer hora.

CAPÍTULO 27

Os teus olhos e o teu cheiro

Sabes meu amor, nunca te disse mas olhavas para mim como se iluminasses o mundo inteiro. Esta é a melhor forma de o definir, pois não sou capaz de encontrar uma palavra que o descreva sem falhar em qualquer coisa.

Encolho-me toda, em mim mesma, quando me recordo da primeira vez que olhaste para mim. Nesse dia jurei que essa era a luz que eu iria querer na minha vida, para sempre. Tu ias gostar de me ouvir dizer isto.

Através daquele olhar, conseguiste detalhar cada pormenor de mim. Os mais surpreendentes foram os que nem eu via. Um espelho não seria capaz de dizer tanto, mas tu não

deixaste nada por dizer naquele primeiro olhar inflamado.

Através dos teus olhos, fui capaz de aceitar que afinal ainda havia muita coisa boa à minha espera, ainda havia esperança para mim.

Agora, forçada a pensar no que perdi, baixo os ombros e carrego a realidade do nada. O "para sempre", afinal ficou no momento em que os teus olhos se fecharam.

Se ao menos o mundo soubesse um pouco acerca do teu olhar! Sim, o teu olhar... o mesmo que agora deixou o meu mundo às escuras.

No lugar do teu olhar, deixaste-me os teus cheiros: o cheiro do teu corpo, do teu cabelo, da tua pele... e isso mantém-te vivo na minha vida, permitindo que eu te veja mesmo de olhos fechados... mas não me chega. Nunca chega.

Continuas tão vivo na minha cabeça que não entendo porque é que tudo à minha volta te começou a deixar partir. Agarro-me à tua roupa para aproveitar tudo o que pediu mais um tempo para ficar. Deixo que as minhas mãos se agarrem a uma camisa tua, rasgando-a na esperança de lhe encontrar nas entranhas o que ainda não evaporou com o tempo.

A tua camisa preferida, aquela que me parece ser a única a saber mais de ti do que eu! Acabei de a rasgar. Quero tudo o que ela ainda tem para me dar: o teu cheiro, as tuas marcas, os teus vincos, a tua forma.

Sei que talvez pareça louca, descontrolada... mas ninguém me vê. Quero cometer qualquer loucura que para mim faça sentido! Por ti tudo faz sentido. E dentro de mim cresce uma luta entre o desejo de te ter e a loucura de não te encontrar.

Farejo essa camisa, todos os dias, até ao último retalho, como um cão treinado à espera da ordem: cheira, procura, encontra, já.

CAPÍTULO 40

Brincar às escondidas

Acordei sobressaltada a meio desta noite. O teu lugar estava de novo vazio. Num momento de confusão mental quis acreditar que tiveste sede, não seria estranho. Reparei no teu copo vazio esquecido ao lado da cama. Estendi a mão numa urgência imediata de te ir buscar água, mas parei... a lembrança que a minha mão trémula me atirou, pôs-me em compasso de espera. Apertei o vazio que se aninhou na palma da minha mão, na esperança de sentir os nossos dedos entrelaçarem-se, mas apenas reconheci o frio do anel que me deste. Lembras-te como desejei perdidamente aquele anel?

Eram 05:15 da manhã e senti-me gelada.

A noite continua a assombrar-me, apesar de já saber que este vazio à minha volta vai acontecer até ao resto dos meus dias, pelo menos até ao dia que eu decidir ser o último da minha vida.

Levantei-me às escuras e andei pela casa sem entender como, porque não ouvia os meus passos, não sentia o chão. Apetecia-me falar... e falei.

Falo muito, mas as paredes não me respondem. Não passam de verdadeiras telas onde projeto mentalmente imagens da tua existência. Ali, fico a ver-te passar diante dos meus olhos através delas e sigo-te como se brincasses às escondidas comigo. E como és bom nesta brincadeira, consegues desaparecer como ninguém e a criança que há em mim sabe que perdeu. Sabe sempre. Vivo nesta cegueira sem fim, neste jogo sufocante... e muitas vezes a casa parece maior do que é, porque lhe encontro cantos que nunca tinha percebido que ali estavam. E se onde menos te procuro seja onde mais te encontro? Se assim é, o jogo pode começar:

1, 2, 3, 4... 20... e aqui vou eu outra vez.

Nunca desisto, penso sempre que a próxima vez é de vez... e que te vou encontrar e ralhar contigo por desapareceres tão bem.

Mesmo sabendo que quero que pares de me atormentar desta maneira, movimento-me no escuro como um animal

à procura do teu cheiro, espalhado pela casa de tanto te esconderes, de tanto procurares forma de me enganar, de me despistar.

21, 22, 23... 38... deslizo tão bem no escuro sem sentir os pés a mexer! Estico os braços e juro que sinto o teu calor, o bafo do teu suor a passar-me entre os dedos que se fecham com cócegas que me provocam sorrisos, por vezes gargalhadas. Imaginas? Pareço uma louca, que eu mesma estou a ver fora do meu corpo.

39, 40, 41... 50. Aqui vou eu, outra vez.

Se parares, eu paro. É justo, não te parece?

Temos a noite toda. Quando eu adormecer, de exaustão, só tens que pegar em mim, como pegas sempre, e deitar-me na nossa cama. Não me lembro de alguma vez o ter feito sozinha, acordo lá com a certeza de que só podes ter sido tu.

Uma noite destas, prometo que te encontro antes de me acabarem as forças, nem que seja a última coisa que faça nesta vida... e tenho certeza que vai ser.

CAPÍTULO 44

Deixas-me sonhar

Deito a cabeça na almofada contigo aprisionado no pensamento. Não fazes nada para fugir de lá... sabe-te bem. Ages como um terapeuta da mente que consegue pôr tudo no lugar certo e, modéstia à parte, tudo no lugar... mas sempre a teu favor. Digo isto porque só penso em ti, só sonho contigo... deitar a cabeça na almofada é talvez um ato de misericórdia. Só não sei se o é mais para ti ou para mim.

Deitar a cabeça na almofada consegue acalmar-te em mim. Ficas ali quietinho, apenas a ouvir o teu nome que tantas vezes digo a dormir. E assim, deixas-me sonhar.

Sonhei com os teus dias azuis. Eu chamava-os assim, mas

tu não sabias. Esses eram aqueles dias em que tudo te parecia incomodar. Tinhas dias azuis e eu aceitei-os, sem me queixar.

Afinal, toda a gente os tem.

Nesses dias, fazer-te perguntas estava fora de questão. Querer saber o que se passava contigo, ou o que te preocupava, tinha que ficar apenas pela minha vontade. Talvez não tivesses nada, talvez fossem só dias azuis. Afinal, quem não os tem?

Nesses dias, eu observava-te de raspão... vezes sem conta. Tentava ler respostas nas tuas linhas de expressão, em vão.

Nos teus dias azuis não suportavas que te perguntasse se estavas bem. E foi-me, muitas vezes, tão difícil não o fazer.

Nesses dias, não estavas lá... mesmo estando. Nesses dias, não conheci a tua voz... mas falaste. Nesses dias, embora olhasses para mim, não me vias da mesma forma.

Deixa-me explicar-te melhor, para que possas entender o que eu sentia: neste momento fazes-me falta em todo o corpo mas nos teus dias azuis, fizeste-me falta na Alma e na superfície da pele.

Nesses dias sentia-me feia, sentia-me gasta. Era isso que sentia... mas tu não sabias.

Nos teus dias azuis, eu apalpava o ar antes de respirar. Tive medo de ti e de tudo o que te falhava... falharam-te os

beijos que ficaste por me dar... falhou-te a mão que não estendeste para me levantar... falharam-te os abraços que ficaste de em mim apertar... falharam-te as palavras que não usaste para me elogiar.

Nestes dias, conseguias, em segundos, arruinar em mim anos de segurança. Os teus dias azuis, descolavam-me a pele do corpo. E doía.

Hoje, olho para trás e sinto que nestes dias fui perfeita para ti. Eu não falava, eu não ouvia, eu não via. Apesar disso, eu conseguia respirar. Respirava com mais cuidado para que o meu ar não te embaciasse, para que o meu ar não te fizesse vento.

Nos teus dias azuis, fui sempre capaz de te amar. Porém, amei-te como um cão que fareja uma festa antes desta pousar.

Agradecimentos

Ao amor da minha vida por ter estado sempre ao meu lado e por acreditar, desde o primeiro dia, que este livro tinha que "ver a luz do dia".

Um agradecimento especial para as minhas filhas... sem elas eu nunca teria sido capaz de transformar em palavras o verdadeiro sentido do amor incondicional.

A uma amiga muito especial, uma grande mulher, que perdeu fatalmente o homem pelo qual tanto lutou, muito obrigado por teres cruzado a minha vida. Em cada linha que escrevi neste livro, o meu coração falou por ti.

Por fim, quero agradecer-lhe a si por ter lido este livro.

Espero que tenha sido inspirador ao ponto de nunca mais deixar de dizer aquilo que sente a todas as pessoas que ama.

Se tiver esse impacto em si, sentir-me-ei realizada.

Nunca deixe nada por dizer.

A PERDA

por LÚCIA JULIÃO

Andreia enfrenta o sentimento de perda e revive todos os dias a esperança de voltar atrás.

Durante muito tempo, recusa-se a aceitar o que lhe aconteceu e mergulha numa loucura sem retorno.

Um dia, ao deitar-se e adormecer, Andreia consegue voltar à sua vida passada e trazer o seu amor de volta, mas com o passar do tempo deixa de perceber a diferença entre o sonho e a realidade.

A única coisa que ela sabe é que lhe está a ser dada uma última oportunidade de se redimir... o que deixou por dizer deixou muitas feridas por sarar!

www.a-perda.com

ISBN 978-989-99961-2-0

9 789899 996120